



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

NÁGILA DE SOUSA FREITAS

**LITERATURA, POESIA E MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: (DES)
ENCONTROS E ESTRATÉGIAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

CAJAZEIRAS – PB

2016

NÁGILA DE SOUSA FREITAS

**LITERATURA, POESIA E MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: (DES)
ENCONTROS E ESTRATÉGIAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa

CAJAZEIRAS - PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras – Paraíba

F866l Freitas, Nágila de Sousa

Literatura, poesia e música no ensino fundamental I: (DES) encontros e estratégias na formação de leitores / Nágila de Sousa Freitas. - Cajazeiras, 2016.

50f. : il.

Bibliografia.

Orientadora: Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa.

Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2016.

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Gêneros literários. I. Sousa, José Wanderley de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

NÁGILA DE SOUSA FREITAS

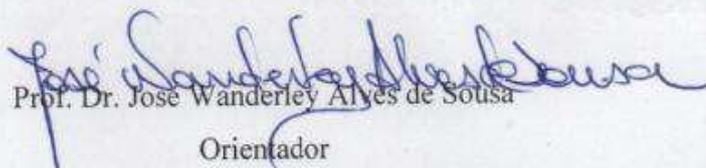
**LITERATURA, POESIA E MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: (DES)
ENCONTROS E ESTRATÉGIAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

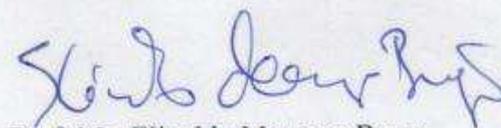
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa

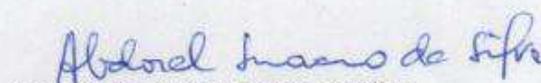
Título do Trabalho: **LITERATURA, POESIA E MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: (DES) ENCONTROS E ESTRATÉGIAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Aluna: **NÁGILA DE SOUSA FREITAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em 31 / 05 / 2016 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa, da UFCG – Centro de Formação de Professores – Unidade Acadêmica de Letras, com a Média Final 8,9 pela seguinte Banca:


Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
Orientador


Prof. Ms. Elinaldo Menezes Braga
Examinador


Prof. Msdo. Abdoral Inácio da Silva
Examinador

Cajazeiras – PB

2016

Ao Universo que conspira ao meu favor

AGRADECIMENTOS

A Deus, por Deus ser Deus e nada mais que isto.

Aos meus familiares, pelo sentido elementar que dão a minha existência.

À professora Nazareth Arrais por ter sido fundamental nos últimos períodos da minha trajetória no curso de Letras; seu apoio, ensinamento e exemplo ergueram o que estava desmotivado.

Ao professor Onireves de Castro por ser tudo o que ele é: figura única e exemplar para minha formação acadêmica.

Ao professor Wanderley por ser tão flexível e ter me estendido as mãos nos últimos instantes do segundo tempo.

À Ana Maria, por ser uma circunferência luminosa projetada em minha vida.

Aos amigos Marciano Dantas e Alyne Alves que, apesar do distanciamento de hoje, foram essenciais bênçãos no início dessa trajetória.

*Sou uma reveza
ambivalente de passos:
um pé atrás do outro,
dois pés à frente do tempo.*

Nágila de Sousa Freitas

RESUMO

A poesia, tendo a importância que tem, deveria ser repensada e tratada como uma ferramenta eficaz na construção do conhecimento. Porém, a realidade do ensino mostra que estamos cada vez mais distantes dos textos poéticos. Percebemos que, entre os gêneros literários trabalhados na escola, a poesia está no topo dos marginalizados. Esse distanciamento entre poesia e sala de aula se deve a uma série de equívocos históricos cometidos nas raras tentativas das escolas em trabalhar com o poético. Outrossim, deve-se, de modo geral, a crise da leitura em que estamos vivenciando contemporaneamente, crise esta que prioriza os textos rápidos e as leituras emergenciais. Nesse ínterim, a poesia é desconsiderada, já que ela exige de seus leitores o compromisso intelectual de pensar e o ato emocional de sentir. Na inquietude de tentar compreender o descompasso entre poesia e sala de aula, é que este trabalho toma forma, objetivando refletir sobre a importância e eficácia da poesia na sala de aula, enquanto instrumento para formação de leitores críticos. Para tanto, foi necessário, fazermos alguns aportes teóricos de abordagem qualitativa, subsidiados por estudiosos da temática em questão, tais como: Candido (2010), Eliot (1991), Martins (1986) e Pinheiro (1995). Após a análise bibliográfica, elaboramos uma proposta de atividade voltada para crianças das séries iniciais, mais precisamente do 5º ano do Ensino Fundamental, da qual teve como objeto de atividade o CD de música “Meu Quintal” dos artistas paraibanos Nara Limeira e Naldinho Braga. O resultado desta pesquisa nos possibilitou comprovar as eficácias na prática de leitura em sala de aula, alcançadas pelo papel dimensional da poesia, ficando, assim, mais do que comprovada a abertura do texto poético para além das estruturas superficiais de uma leitura, uma vez que, como nenhum outro gênero, a poesia alcança muitas manifestações culturais, entre elas, a música que, por sua relação com a poesia, aproxima ludicamente, dela, o aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Poesia. Música. Escolarização da Leitura.

ABSTRACT

Poetry, and the importance it has, should be rethought and treated as an effective tool in the construction of knowledge. However, the reality of teaching shows that we are increasingly distant from the poetic texts. We realized that between literary genres worked in school, poetry is at the top of the marginalized. This gap between poetry and the classroom is due to a number of historical mistakes made in the rare attempts by schools to work with the poetic. Furthermore, it should be, in general, the reading of the crisis we are experiencing contemporaneously, a crisis that prioritizes quick texts and emergencies readings. Meanwhile, poetry is disregarded, since it requires its readers the intellectual commitment to thinking and emotional act of feeling. In the restlessness of trying to understand the gap between poetry and classroom, it is that this work takes shape in order to reflect on the importance and efficacy of poetry in the classroom, as a tool for formation of critical readers. Therefore, it was necessary, make some theoretical contributions of qualitative approach, subsidized by the theme of scholars in question, such as: Candido (2010), Eliot (1991), Martins (1986) and Pinheiro (1995). After a literature review, we prepared a proposal for activity aimed at children in early grades, specifically the 5th year of primary school, which had as object of activity the music CD "My Backyard" of paraibanos artists Nara Limeira and Naldinho Braga. The results of this study allowed us to demonstrate the efficacy in practice in reading classroom achieved by the dimensional role of poetry, and thus be more than proven opening poetry text beyond the surface structures of a read, since like no other genre, poetry reaches many cultural events, among them, the music which, in relation to poetry, approaching playfully her students.

KEYWORDS: Literature. Poetry. Music. School Reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
2 A DIMENSÃO HISTÓRICA, CONCEITUAL E CULTURAL DA POESIA.....	11
2.1 A POESIA COMO PRINCÍPIO NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE.....	11
2.2 A DIMENSÃO CONCEITUAL DA POESIA.....	14
2.3 ALCANCES CULTURAIS DA POESIA: O TEXTO POÉTICO, LETRA E MÚSICA.....	17
3 LITERATURA, POESIA E ESCOLARIZAÇÃO DA LEITURA: (DES)ENCONTROS E ESTRATÉGIAS.....	22
3.1 REFLETINDO SOBRE A CRISE NO ENSINO DA LEITURA	22
3.2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LEITURA LITERÁRIA.....	27
3.3 A POESIA NA SALA DE AULA: (DES) ENCONTROS E ESTRATÉGIAS.....	32
3.4 CONDIÇÕES INDISPENSÁVEIS PARA O TRABALHO COM A POESIA.....	39
4 ENTRE POESIA E MÚSICA: APLICABILIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DO CD MEU QUINTAL.....	43
4.1 <i>MEU QUINTAL</i> : INFÂNCIA, POESIA E ESCOLA.....	43
4.2 UMA PROPOSTA DE APLICABILIDADE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DE <i>MEU QUINTAL</i>	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a poesia tem perpassado sobre línguas e culturas de sociedades diversas, recebendo múltiplos conceitos e incorporando diferentes manifestações, porém, tem em sua essência uma indivisível verdade de que nem mesmo as diferenças entre povos e nações podem negar: a verdade é que o feito poético nasce da necessidade de se expressar do Homem, mesmo quando essa necessidade se traduz em silêncio. Verdade que se comprova no fulcro da antiguidade arcaica, tempo em que o feito poético foi o próprio ato da linguagem, paralelo a história da humanidade. Há um sentimento de poesia movendo o mundo desde quando os primeiros verbos germinavam no útero da palavra. A impressão é de que a poesia é uma palavra-deus-primário, pai de todos os outros, inclusive de Zeus que se dizia ser o rei de todos os deuses e homens, mas até ele, que governou o Olímpio, foi antes governado pela palavra.

Nesse sentido, a poesia é o princípio fundamental da linguagem, através da qual se deriva a palavra que prevê, ordena, tipifica, julga, condena e absorve todas as expressões do mundo. Então, por que esta fundamental e nobre poesia está sendo ignorada nos meados de uma pós-modernidade?

É com base nessa problemática-chave que surgiram todas as outras no momento em que nos dispusemos a pensar sobre a importância e o papel da poesia, implicando numa delimitada pesquisa sobre poesia em sala de aula. Dessa forma, objetivamos, neste trabalho, refletir sobre a importância e eficácia da poesia na sala de aula, enquanto instrumento eficaz para formação de leitores críticos.

Para tanto, foi necessário fazermos alguns aportes teóricos de abordagem qualitativa, subsidiados por estudiosos consagrados, tais como: Candido (2010), Eliot (1991), Martins (1986) e Pinheiro (1995). Implicou-se, com isso, na organização formal do trabalho, subdividida entre as principais questões que nortearam o alcance do nosso objetivo, a saber: Questões conceituais e históricas sobre poesia, letras e música; questões formais acerca do ensino de Língua Portuguesa, Leitura e Literatura e questões de cunho estratégico para uma prática pedagógica eficiente na abordagem da poesia em sala de aula. Após a análise bibliográfica, elaboramos uma proposta de atividade voltada para crianças das séries iniciais, mais precisamente do 5º ano do Ensino Fundamental, da

qual teve como objeto de atividade o CD de música “Meu Quintal”, dos artistas paraibanos Nara Limeira e Naldinho Braga.

O resultado desta pesquisanos possibilitou comprovar as eficácias na prática de leitura em sala de aula, alcançadas pelo papel dimensional da poesia, ficando, assim, mais do que comprovada a abertura do texto poético para além das estruturas superficiais de uma leitura, uma vez que, como nenhum outro gênero, a poesia alcança muitas manifestações culturais, entre elas, a música que, por sua relação com a poesia, aproxima ludicamente, dela, o aluno. Nesse sentido, a leitura deve ser praticada numa perspectiva de tornaramplas as possibilidades da linguagem, do pensamento, da reflexão e do poder de transformação que a prática sensibilizadora entre poesia e música oportuna ao aluno enquanto agente ativo desta transformação em si e no meio em que vive.

2 A DIMENSÃO HISTÓRICA, CONCEITUAL E CULTURAL DA POESIA

Ao iniciarmos esta seção é necessário reconhecer a história da poesia como uma complexa mensuração da história da humanidade, pois ela faz parte da própria formação humana, de tudo o que historicamente vem sendo construído pela ação maciça das gerações e suas representações. É como uma tradução do homem que existe para dizer quem somos e tornar isto um discurso soante ao longo dos tempos, sob diversas manifestações, a exemplo da música.

2.1 A POESIA COMO PRINCÍPIO NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Podemos dizer que discutir a origem da poesia é um trabalho complexo e exige mais do que conhecimentos teóricos, é indispensável o apreço pessoal pelo o que épico, só assim, parece ser possível compreender as raízes sustentadoras deste gênero milenar e o que o torna tão resistente. Para tanto, empregamos como base indispensável, neste texto, a noção introdutória de que a história da poesia é paralela à história do Homem. Dessa forma, negaremos qualquer noção baseada na funcionalidade da máquina moderna, que preconiza a arte como uma mera forma de entretenimento; um mero elemento expressivo ou meramente de fruição.

Essa é uma noção instrumentalizada sobre a poesia, que, apesar de ser propagada como verdade, trata-se de uma afirmação sofismável capaz de colocar a história, a linguagem e a arte em posição de estruturas estanques, insolúveis, razão pela qual a poesia e toda a arte são vistas, hoje, de longe, como um produto que nada tem a ver com a realidade, portanto, não é tratada com a seriedade como são tidas as ciências, por exemplo, porque não está no patamar das coisas que dão lucro à máquina do capital.

No entanto, é possível incrustar uma compreensão de que a poesia está muito além das percepções minimalistas, podendo isto, ser constatado a partir de reflexões elementares sobre sua origem, muito embora não se tenha precisão em datar os primeiros eventos que inauguraram o feito poético no mundo e, portanto, o significado de sua existência na nossa. Todavia, ao recorreremos, inicialmente, às reflexões sobre a

poesia na Antiguidade arcaica, veremos que o seu surgimento pressupõe, pelo menos em tese, que ela tenha origem no nascimento da própria linguagem, “[...] por sua vez originada do ritmo que não é só o elemento mais antigo e permanente da linguagem, como ainda não é difícil que seja anterior à própria fala”. (Paz 1972, *apud* Ávila 2004, p. 17).

De tal modo, podemos entender que a poesia assinala uma incursão no mais antigo uso primário da linguagem, antecedendo a representação de sua ocorrência, por exemplo, nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios, telefonemas, etc., ou seja, antecedendo as formas mais organizadas da linguagem, parecendo se estabelecer, por meio de um uso específico da língua, à proibição entre nome e coisa em que o tempo e as tradições culturais do homem civilizado abstraíram no curso da história. Parece-nos que a poesia da Antiguidade possuía um caráter ritual e comunitário, sendo estas características a base de criação artística daquela época.

Metaforicamente, Arnaldo Antunes, em seu ensaio “A origem da poesia”, afirma que a manifestação da poesia em tempo real, no agora que nela aplicamos uma possível percepção, “[...] nos sugere mínimos flashbacks de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – a significante e significado”. (ANTUNES, 2011).

A partir das considerações de Paz (1997) e Antunes (2011), olhamos para a origem da poesia como reduto da origem de tudo; como a linguagem primogênita de um povo, tal como sugeriu Heidegger (2008). Portanto, como algo além de mero mecanismo linguístico, através do qual é trabalhado o léxico, já que o oposto ocorre, pois é o poeta quem cria o léxico, como considerou Décio Pignatari (2007). Como algo além de um jogo de linguagem, uma matéria prima a ser explorada, já que o oposto ocorre, pois é a poesia que desde sempre torna a linguagem possível. Mas, ao mesmo tempo em que consideramos esses aspectos pontuais, não iremos simplificá-los à natureza cartesiana das definições, afinal estamos diante de uma dimensão imensurável de possibilidades do poético, face à própria fragilidade do nome poesia quando colocado na dimensão heterogênea das manifestações, pondo-nos a questionar o ponto exato de sua origem, propriamente dita, já que a origem sucede a inexistência de algo. É aí que está a grande questão levantada por Antunes, quando indaga se houve um tempo sem poesia, já que a poesia estava em tudo o que se dizia.

Assim, entendemos que o próprio agir inicial da humanidade, fazia-se no movimento de sintetização e analogia entre os sentidos e as coisas, tornando, assim, a linguagem mais próxima do seu referencial a ponto da própria coisa tornar-se a expressão prática da linguagem. Essa conjugação foi capaz de criar narrativas sobre o tempo-espaço, introduzindo as coisas dentro do seu próprio significado. Neste dilatar da linguagem, a poesia foi ganhando significado, enquanto resultado das experiências comuns, marcando-se fundamentalmente na forma integral de ser, colocando o Homem em contato direto com as coisas, o que culminou em mitos e uma experiência transcendental.

Em princípio, essa dinâmica respondia as finalidades das ações inerentes ao movimento progressivo e civilizatório com que se caminhou a humanidade até aqui, o que tornava, continuamente, as experiências um movimento prático da realidade comungada pelo Homem. Infere a estas considerações um passado pré-bélico, passado que se torna passado a cada vez que a poesia se lança ao futuro, pois seu reduto é sempre o mesmo.

Nesse ínterim, a poesia é fundadora de nações e culturas; sustentadora da possibilidade do humano enquanto ser ativo em sua própria construção no espaço, tempo, passado e futuro. Sem a dimensão poética, haveria marcada na história a impossibilidade da criação; a impossibilidade do Homem evoluir dos eventos rústicos da linguagem à expressão coerente da comunicação, pois ao presarmos nas primeiras formas de comunicação ritualísticas veremos que elas eram poemas onde aqueles agrupamentos humanos se manifestavam e se traduziam entre eles. É desse círculo de manifestações primitivas, que, no canto invocado, na fórmula expressiva e poética do mito, insurge a identidade coletiva. Para nós, todavia, a origem da poesia não data tempo, porque é uma essência sempre renovável, independente da sua primeira expressão no mundo, face à competência natural de criar e universalizar os signos através das expressões humanas.

Porém, o mundo pós-moderno indica já termos perdido “[...] a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade”. (ANTUNES, 2011).

No decorrer do tempo fomos perdendo, através do fluxo histórico das civilizações, a grandeza imensurável do universal e, coevos, tornamo-nos escravos da máquina consumidora de obras sem alma coletiva, sem acordos cognitivos, sem o alargamento referencial do poético, o que nos permite, com propriedade, enxergar mais *poiesis* no quintal de uma casa velha do que num anexo de apartamentos novos iguais e impessoais, pois a poesia, embora hoje descartada, continua e sempre continuará permissiva do próprio real.

2.2 A DIMENSÃO CONCEITUAL DA POESIA

Conceituar poesia não é uma das tarefas mais fáceis, pois ela é tão complexa quanto a sua origem e tão imprecisa quanto responder ao que é literatura. Nesta seção, descartaremos as correntes de discussões estreitamente convencionais, aquelas que, entre muitas simplificações, referem-se à poesia apenas e tão somente como um gênero; ao passo que tentaremos apontar, com base em grandes estudiosos, noções conceituais que a reconheçam em sua dimensão transcendental, atemporal e volúvel.

É indispensável, para tanto, evitarmos completamente o plano comum de discussão no qual o único esforço que se faz para compreender a poesia é aplicando a ela conceitos técnicos. Geralmente colocando-a estruturalmente e sistematicamente em oposição à prosa e empregando ao seu sentido a sinonímia de poema. A forma mais simples e, em partes equivocada, que podemos recorrer para dizer o que é poesia é classificando-a como um texto estruturalmente escrito com frases quebradas em sentido horizontal, ou seja, em versos. Estaremos descartando, nessa leiga percepção, o sentido abstrato da poesia que substancia as inúmeras possibilidades de vê-la em sua dimensão contemplativa.

Mesmo numa abordagem que não problematize a criação poética em abstrato, como o fez Antonio Candido (2010) em sua obra *O Estudo Analítico do Poema*, é possível ultrapassar, pelo menos, um dos conceitos limitados apontados acima, como a mescla entre poesia e poema que lhes atribuiu mesmo significado. É possível, sim, associar a nomenclatura de poesia a de poema, é perfeitamente compreensível, pois de fato o poema precisa da poesia para vê-lo. Mas, não é rentável torná-los um só elemento, uma vez que,

segundo (Candido, 2008 p. 15): “[...] a poesia não se confunde necessariamente com o verso. Pode haver poesia em prosa [...] pode ser feita em verso muita coisa que não é poesia.”

Dito isto, é preciso considerar que a base fundamental de tudo o que se tem produzido no Ocidente em termos de teoria literária, desde o século IV até hoje, volta-se à corrente teórica-filosófica de Aristóteles, filósofo da Grécia Antiga. Todo o seu estudo é um legado para humanidade. Do seu inumerável acervo de obras acessíveis hoje, nos basearemos agora na obra aristotélica *Poética* (1996). Vale salientar, todavia, que nesta obra a poesia é abordada em si própria, como gênero; como espécie, conforme seu fim próprio; e como composição de mitos (história ou fábulas), demonstrando, assim, o processo de classificação naturalista que segue à ordem própria da natureza.

Já nas primeiras anotações da referida obra, o filósofo diz que “a epopeia e a poesia trágica, assim como a comédia, a poesia ditirâmbica, a maior parte da aulética e da citarística, consideradas em geral, todas se enquadram nas artes de imitação” (ARISTÓTELES, 1969, p. 289). Encontra-se nesta passagem citada as primeiras indicações entre o real e a ficção na criação poética, partindo da imitação como fundamento elementar para toda a arte da criação.

Em síntese, o pensador grego mostra a *arte da imitação* como aquela arte que imita ações, paixões e caracteres por meio de palavras, de expressões. Ele nos ensina que a imitação é um ato da natureza humana e os homens sentem prazer neste ato criativo de imitar. A partir dessas considerações elementares, podemos verificar uma primeira incursão à ideia de poesia como uma expressão reveladora da própria ação humana, ao passo que se vinculava às manifestações como um rito naturalizado das experiências práticas, questão já introduzida na seção anterior.

Depois da Antiguidade, é possível constatar a existência de muitas ocorrências nos projetos das civilizações, motivadoras de uma transição de noções, a partir do momento em que a poesia é ramificada dentro de cadeias ideológicas para ser pensada como uma experiência da linguagem e não mais como o próprio seio da linguagem. Assim, a compreensão de poesia veio, recorrentemente, sendo elevada ao nível da produção, perdendo, de certo modo, a sua essência de *poesis* (ação de fazer algo) que era mais ampla e naturalizada, isto é, passou do plano da arte que ensina para produto da arte que se manifesta.

Desde então, a pureza da linguagem vem se reduzindo cada vez que as formas de criação vão sendo exploradas com finalidades distintas. Isso acontece, porque, segundo a teoria de Bakhtin(2000)a linguagem é um elemento ideológico; como um meio material de produção que gera significado através de um processo de conflito social e de diálogo, ou seja, através de finalidades distintas. E a poesia, por sua vez, “[...] é uma arte baseada na linguagem. Mas a poesia também tem um significado mais geral [...] que é difícil de definir, porque é menos determinado[...]”. (TATARKIEWICZ, 1975, p. 13).

Dessa ramificação a que nos referimosanteriormente, se sobressai, entre as muitas finalidades, possibilidades da poesia, a perspectiva social de abordagem, tantoem termos estéticos da produção como de análise das motivações ideológicas da criação, competente a cada fase da história. Nessa perspectiva, a obra insurge num condicionamento social, como discute o crítico literário Antônio Candido em sua obra *Literatura e Sociedade*. Para Candido (2010, p.17), o social que éa parte externa da obra, importa como um elemento que tem certo papel na composição da estrutura da obra, tornando-se assim um elemento interno de sua construção.Os fatores externos são encarados em sua dimensão social para compor a estrutura estética da obra, como está expressonas próprias palavras do autor, quando diz que “[...] o externo se torna interno”.

Para o estudioso, se antes o aspecto social era visto como a essência realizadora da obra, agora se tomou posição oposta em que a importância passou a ser dada ao material formal, independente de qualquer contexto, sobretudo social, considerando inoperante como elemento de construção, muito embora o contexto não possa estar envolvido numa visão dissociada da obra, pois tanto o externo como o interno se convencionam enquanto elementos necessários do processo criador e interpretativos. Torna-se, assim, o social um fator da arte, por se portar como um elemento assimilado pela estética da estrutura.Issso significa que só “podemos entender [*a obra*] fundindo o texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra”. (CÂNDIDO, 2010, p. 13).

Uma vez fundidos em um mesmo produto poético, texto e contexto serão,de fato, integrados, como sugere Candido, quando passarem pelo crivo da leitura e conseqüentemente da percepçãode quem aprecia o conjunto da obra, atingindo, assim, uma dimensão social, uma vez que transcurso porentre expressões e sentimentos comuns no meiodas experiências humanas.

Dessa forma, sobre o produto poético (aqui nos referindo ao poema) integrado a vários possíveis elementos em sua construção, (PIGNATARI, 2007, p. 17-18) acentua que “Fazer poesia é transformar o símbolo (palavra) em ícone (figura)”, afirmação da qual discordamos, pois nos parece que assim a criação de um poema depende unicamente da arbitrariedade dos signos. Defendemos que somente a apreciação do leitor é quem dará (ou não) ao poema a sustância poética para sê-lo. Isto porque, somente o leitor tem na competência de sua leitura o domínio para (re)significar qualquer obra que nela se consiga criar imagens, transformá-las, respectivamente, projetá-las em outras imagens, gerando, dessa sucessão, significados diversos. É o ato da leitura que concretiza significados à obra, através das atualizações de sentidos, responsáveis pela resistência temporal que faz a obra ser imortalizada.

Nesse sentido, o poeta não cria imagens, estilisticamente ele desconstrói a arbitrariedade do signo, que condiciona as ideias, tornando-o um objeto da linguagem democraticamente manuseável à criação de ideias. Assim, a criação de imagens é competência do leitor, é consequência de um produto poético de qualidade escrito por um poeta que reconhece na própria dimensão da linguagem o significado da poesia.

2.3 ALCANCES CULTURAIS DA POESIA: O TEXTO POÉTICO, LETRA E MÚSICA

Poesia, apesar de toda sua complexidade conceitual, abstrata e formal, pode ser um evento de fácil circulação no meio social, a música, por exemplo, em sua abertura para o diálogo popular, tem em si uma grande e analógica possibilidade de ter os elementos criativos da letra substanciados pelo que há de poético. Nesse sentido, abordaremos aqui, a música como um dos alcances da poesia, já que temos visto o quanto é imensurável as possibilidades da linguagem arranjada pelo poético. De tal modo, partiremos da afirmativa do crítico literário Amador Ribeiro Neto (2011; p. 58) de que “poesia é sempre algo mais”, referenciando o que temos dito, anteriormente. Logo, inferimos: se a essência da poesia pode estar tanto no formato poema como na prosa, ela também pode estar presente no formato música, pois o que será levado em consideração é a capacidade da obra (escrita ou musicada) de tornar poético o seu produto final.

É fato, música e poesia sempre foram “casadas” pelas civilizações mais antigas imagináveis, a exemplo, na antiguidade arcaica da Grécia em que a prática dos ritos religiosos aos deuses e heróis era comum. A composição da lírica era de fácil assimilação, indicando, justamente, uma tentativa de sintetização das expressões cotidianas e os temas abordados nos cantos. Continuamente esta relação foi sendo notada nas diversas fases da história. Por exemplo, segundo Rodrigues (1990, p. 28):

[...] a grande poesia medieval quase que foi exclusivamente concebida para o canto. O Barroco, séculos além, fez os primeiros ensaios operísticos, que iriam recolocar o teatro no coração da música. Depois Mozart, com a Flauta mágica ou D. Giovanni, levaria, como sabemos, esta fusão ao sublime.

Com o passar do tempo houve uma ruptura entre música e poesia, através do advento da escrita, o que era uno dividiu-se em dois gêneros, duas categorias de dois artistas distintos. Mesmo assim, a história nos dá conta de mostrar que mesmo “divorciadas” a música e a poesia ainda mantém forte relação de sintonia, talvez, nos arriscando a responder, pela infrangível aliança de sentidos que revolveu a origem da arte poética. Talvez seja por esta razão que elementos da música indistintamente, de alguma forma, sempre estiveram prendidos à música.

O que conhecemos hoje do significado de “trovador” e “menestrel” vem da Idade Média que atribuía a estas nomenclaturas significado referente ao ser poeta, tanto é que em nossa Língua Portuguesa os termos mencionados são considerados sinônimos. Somente a partir da Idade Moderna, com o invento da imprensa, e com ela o triunfo da escrita, acentua-se a distinção entre música e poesia. Os resquícios de uma antiga e, ao mesmo tempo, atualizada união entre poesia e música é tão evidente que, ao fazermos contato direto com certas formas poéticas, ainda vigentes, como o Madrigal, o Rondó, a Balada e a Cantiga, por exemplo, percebemos a alusão diametral às formas musicais.

Trazendo essa questão para o Brasil, a história da arte de nossa Nação vem nos mostrar uma relação mais depurada dessa união entre poesia e música, embora siga um ritual comum a todas as criações de todos os tempos, que é a busca pela essência poética do feito, conforme considerações discutidas até aqui. Nesse sentido, Inferimos, por tanto, que essa relação ocorre porque a composição da letra é o principal ligamento entre

ambos os gêneros; intermediária que reporta ao produto final da arte ofiltro necessário para sê-lo.

Para justificar tal afirmativa nos valeremos de alguns exemplos, respectivamente de grandes obras. Podemos começar passando pelas duas décadas que, a nosso ver, são as mais expressivas e basilares nesse encontro histórico da poesia com a música no Brasil, a saber, a década de 50 e a década de 70.

Na década de 50 a figura representativa deste encontro é o poeta Vinícius de Moraes. Como poeta escreveu muita poesia, depois migrou para a música e continuou sendo poeta porque escreveu muitas letras poéticas, mais especificamente para o movimento musical da Bossa Nova.

Dessa forma, a análise global da obra de Vinícius de Moraes é de competência investigativa tanto dos estudos literários como dos estudos da música popular brasileira. O poeta faz eximamente o casamento entre a poesia e a música, tanto é que em seu disco *Canção do amor demais* as canções foram assinadas com a nomenclatura “poesia” ao invés de letra: “Música: Antônio Carlos Jobim; Poesia: Vinícius de Moraes”. É como se Vinícius estivesse dizendo, (em 1958, época em quem era impensável um diplomata e poeta se envolver com música popular) que aquelas letras eram poemas.

Analisando o contexto geral da obra de Vinícius, verifica-se que, fazendo uso de um tom mais coloquial, próprio às características do uso cotidiano da língua no Rio de Janeiro, suas construções poéticas afastaram-se da eloquência rebuscada com que se fazia a música popular anterior, ficando mais próxima, dessa forma, do cotidiano comum das pessoas. A técnica literária empregada pelo poeta foi arrolada sobre as técnicas próprias da Bossa Nova. Assim, economizou-se o uso vocabular, os versos tornaram-se mais reduzidos e criaram-se, com isso, alternativas sonoras mais ousadas.

Para Perrone (2008, p.28):

Não há dúvida de que a simples presença de um poeta largamente respeitado contribui para que a música popular passasse a ser mais levada em conta no cenário artístico tanto por parte dos produtores quanto por parte dos consumidores. Vinícius é uma figura de transição muito importante, uma ponte histórica, que consegue adaptar a música ao verso, traz nova sofisticação à arte da canção, estimula a reação do público à poesia tocada e cantada, e fornece modelos gerais de dicção e expressividade a serem imitados por outros letristas. Ele consegue criar uma junção entre as esferas da música e da literatura dos anos 60. Vinícius constrói um palco de comunicação músico-poética no Brasil

contemporâneo em cima do qual muitas outras figuras iriam, mais tarde, criar.

Do aporte de Vinícius, mais tarde o poeta Paulo Leminski atribuiu à década de 70, que ele mesmo vivenciou através de suas experiências artísticas, tempo-marca da incursão de poetas no que considerou uma migração dos livros para a música popular. O próprio Leminski tinha em sua obra poética uma forte influência da Música Popular Brasileira, exemplo mais notório é *Verdura*, música gravada por Caetano Veloso em 1981 no disco *Outras palavras*.

De repente
vendi meus filhos
a uma família americana
eles têm carro
eles têm grana
eles têm casa
a grama é bacana
só assim eles podem voltar
e pegar um sol em Copacabana.

(Leminski, 1981, texto digital).

Verdura tem uma revolucionária letra que nas palavras de Neto (2011, p. 57):

Letra que revolve as fibras do coração pater/materno num gesto inicial de selvageria: vender os filhos. Mas logo a indignação ante a venda se depara com um gesto de grande amor: “só assim eles podem voltar” e desfrutar do próprio país. Um chiste de liames líricos e corrosivos. Um canto de amor e protesto. Leminski consegue em poucos versos anular a falsa dicotomia lírico *versus* engajado; pessoal *versus* social. Em seus versos [...] o sujeito é parte viva e integrante da massa. O gesto individual está carregado de significação social.

Na letra de *Verdura*, talvez por ter sido escrita por um poeta nato, verifica-se o elemento de maior relevância posto à qualidade da obra que é a essência poética do seu feito. Falamos em essência poética, nesse sentido, para nos referir a composição volvida sobre o poder manipulador da linguagem em transformar o comum, o violento e o obsoleto em uma expressão vanguardista em que a expressão abstrata do subjetivo

alcança uma proporção coletiva exatamente pela riqueza do seu componente poético que, para nós, é nada mais nada menos que a letra.

Arnaldo Antunes também é outro artista que, em sua arte, torna difícil o nosso alcance à zona limítrofe entre letra de música e poesia. Além de compositor ele também é poeta, autor de diversos livros de poesia, como *Psia* (1986); *Dois ou mais corpos no mesmo espaço* (1997), entre outros. A sua música *O quê?*, por exemplo, tornou-se poema de livro de poesia, invertendo agora a ordem mais comum – poesia virar letra de música. Nesse caso, o critério para essa união foi tão somente a qualidade do emprego poético, fazendo com que, enquanto música a letra se fez perfeita para se torna estruturalmente um poema (o que normalmente o contrário também poderia acontecer). E a sua qualidade artística dupla só foi possível por causa da profundidade poética trabalhada que alcança, o que Perrone (2008, p. 28) chama de “ascensão estética”.

Veja-se, que as flexões artísticas para explorar-se o poético são variadas. É possível, inclusive, transformar qualquer outro tipo de obra literária em música ou vice-versa, porque é, antes, possível colocar a linguagem às avessas. Essas flexões tornam as formas algo interdisciplinar, heterogêneo e modificável. Não restam dúvidas, no entanto, de que há uma essência criadora originando todas as possibilidades exploradas pela linguagem, que é a essência poética alcançada pelo feito artístico, independente da forma moldada, afinal quem irá dizer que as letras das músicas de Chico Buarque, Caetano Veloso e Milton Nascimento, por exemplo, não são poesia?

3 LITERATURA, POESIA E ESCOLARIZAÇÃO DA LEITURA: (DES)ENCONTROS E ESTRATÉGIAS

As mudanças de paradigmas, o fluxo rápido das informações genéricas; a tecnologia avançada; o homem e “o mundo em erupção”... Tudo isto denota um novo tempo em que não se admite mais permanecer intacto diante de tantas mudanças. A máxima é: ou se adapta ou morre. Parece um aforismo um tanto quanto radical, mas é essa a nossa realidade. Morrer no sentido de ficar aquém das mudanças necessárias e sobreviver às transformações destrutivas.

3.1 REFLETINDO SOBRE A CRISE NO ENSINO DA LEITURA

Entre os muitos espaços que sofrem mudanças inevitáveis, tanto positivas quanto negativas, a escola se apresenta como um lugar fundamental para o exercício adequado destas mudanças. Isto é, para mudar é preciso se educar, porque só na educação é possível encontrar as saídas certas e as entradas oportunas. Entendemos, de um modo geral, que as velhas técnicas educacionais, não conseguindo alcançar o fluxo imediato das transformações do meio, entram em uma profunda crise de significados. Por isso, é necessário muito para se construir uma escola com significados práticos à vida humana; uma escola que avance de forma responsável, como propõe as correntes de ensino voltadas para a educação libertadora, encabeçada pelos estudos de Paulo Freire.

Diante das muitas dificuldades enfrentadas hoje no ensino listamos para esta seção a crise da leitura nas escolas. Partiremos da hipótese de que as transformações do meio influenciam as técnicas, as metodologias de ensino das instituições educadoras, sobretudo no que se refere à prática da leitura em sala de aula, visto que ler sempre foi o primeiro passo para aprendizagem, como salienta Costa (2012), ao afirmar que a leitura é o passo inicial para aprendizagem. Assim, a leitura abre espaços para a chegada do conhecimento. Quem lê se prepara para a vida, para os desafios e se adapta melhor as mudanças do meio. Porém, a crise da leitura é um desafio a ser enfrentado nos dias atuais, pela escola, pelo sistema, pela sociedade no geral.

Muitos estudiosos dos processos e das questões relacionadas à leitura, como Costa (2012), Lalojo (2010) Martins (1986), investem tempo e muito esforço para descobrir qual

o melhor meio de driblar as dificuldades de leitura no contexto da sala de aula, uma vez que esta prática não é, apesar de ser importantíssima, uma das formas de aprendizagem mais usadas no processo de ensino-aprendizagem dos últimos tempos.

Lalojo (2010) considera que a leitura em dias atuais se tornou uma produção de consumo rápido, o chamado “consumo rápido de texto” que depende de um fim lucrativo e por isso necessita envelhecer rápido, no fluxo imediato de uma nova roupagem de textos. Trata-se de uma forma abundantemente consumida pelos novos leitores, passivos e discretos, quase não se pode notá-los nesse avanço e nesse consumo imediato de textos.

Entendemos que isso se deve a grande exigência da sociedade contemporânea, da sociedade da produção, de um intenso desenvolvimento tecnológico, de um processo de industrialização em alta que requer dos sujeitos envolvidos, um domínio de leitura instantâneo para atender as exigências mercadológicas.

Nesse sentido, quando a escola adota uma finalidade de leitura meramente capitalista, geralmente a metodologia empregada serve somente para dar lugar a uma leitura mecânica que servirá somente para atender a uma determinada exigência da escola, da disciplina e da sociedade, se restringindo a leitura apenas para atividades específicas, deixando a desejar no que se refere a essência da leitura significativa que é proporcionar uma fruição de entendimento natural no aluno.

Por isso, é a escola uma das principais responsáveis pelo desencanto do aluno pela leitura. Porque muito depende da metodologia empregada pela escola e, sobretudo, pelo professor no processo de formação do leitor. A desconsideração da expressão dos alunos, ou o uso pretencioso do texto para fins inadequados, como o uso do texto como pretexto da aula de gramática, por exemplo. Em geral, estratégias que não corresponde à verdadeira necessidade dos discentes.

Voltando-se para uma discussão mais interna dessa questão/problema da “crise da leitura” na escola, Yasuda (1996) considera o professor um dos maiores responsáveis por essa crise, quando não se coloca, também, como um leitor. Existe uma certa dificuldade em tornar o exercício da leitura algo interativo entre todos envolvendo professor-aluno e aluno-aluno; existe uma certa dificuldade do professor ser visto como um sujeito ativo e não somente aquele que determina e seleciona as leituras.

Trazendo essa questão para a nossa realidade podemos inferir que tal dificuldade mostra o quanto a escolha de um livro didático de Língua Portuguesa, por exemplo, quase sempre se torna a única opção de leitura e, além disso, essa escolha “[...] não está voltada prioritariamente para qualidade de seus textos, mas para a quantidade do conteúdo gramatical que traz [...] a leitura desses textos pobres em variedade e muitas vezes em qualidade é condicionada à abordagem interpretativa” (YASUDA, 1996, p.78-79).

Dessa forma, entendemos que esse condicionamento apontado por Yasuda ocasiona à prática de exercícios que priorizam a cópia do livro didático sem haver qualquer esforço para explorar o texto em suas peculiaridades, pois o professor se prende somente aos exercícios gramaticais de modo que o texto em si é utilizado apenas para fins de atividades, servindo apenas como um complemento e não como parte essencial para aprendizagem. Por isso, este é um dos pontos básicos dos quais compreendemos ser fundamental uma revisão sobre ele, por parte da escola, do professor e do sistema como um todo.

De modo geral, são muitos problemas possíveis de se levantar sobre a leitura e sua prática em sala de aula, por isso, cada vez mais seus conceitos de leitura vêm passando por modificações em função de um extenso estudo desenvolvimento na Linguística. Para esta seção escolhemos apresentar um modelo de leitura cuja finalidade julgamos ser mais adequada para o trabalho com abordagem sóciointerativa e conseqüentemente para sanar os problemas apontados.

Inicialmente recorreremos as considerações de Moita Lopes(1996), que, ao estudar as teorias do psicólogo americano Rumelhart, apresenta as relações conceituais que formula a concepção de leitura sociointeracionista. A relação ocorre entre a psicolinguística, Teoria dos Esquemas e a Pragmática, de modo que são levados em consideração os dois movimentos cognitivos: ascendente e o descendente, simultaneamente. Desse modo, ocorre um processo de interação entre a informação encontrada e o conhecimento de mundo do leitor, ou seja, uma integração dos processos cognitivos e sociais fundindo uma interação entre o que o escritor disse, o que o autor sabe e as pistas linguísticas que se entrelinham entre ambos.

Moita Lopes (1996, p. 14), assim resume:

A concepção sóciointeracionista de leitura é um processo perceptivo e cognitivo que se utiliza da interação entre leitor e autor tendo como veículo o texto. É onde podemos encontrar a definição mais clara sobre o ato de ler, já que a leitura passa a ser vista como um processo ativo de construção. O que faz com que o estudo do modelo interacionista de leitura seja relevante é que este aponta que as dificuldades encontradas em relação à compreensão de um texto podem estar relacionadas não apenas com a dificuldade em decodificar as unidades linguísticas, mas também na falta de esquemas prévios de conhecimento por parte do leitor.

Trazendo estas afirmações para a nossa discussão, entendemos que considerar a leitura um processo de diálogo entre aquele que escreve e aquele que lê, é de fundamental importância para a aquisição dos processos de compreensão do conteúdo do texto que implica numa leitura muito além da decodificação dos signos linguísticos. Nesse sentido, a leitura acontece “quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa” (MARTINS, 1986, p. 17).

Indo mais além, a citada autora considera a leitura um processo mais amplo do que a decodificação de textos escritos, já que ela pode ser feita também nas linguagens não verbais, uma vez que existe um intenso acordo entre a linguagem das imagens e a escrita. Nesse fulcro, sendo a leitura interativa, o indivíduo precisa estar apto as multiplicidades da linguagem dentro do jogo de ação e reação estabelecido pelo movimento da interatividade linguística, assim, alcançar o nível de compreensão dos sentidos impressos nos diferentes tipos de linguagens disponíveis.

Para Martins existem níveis de leituras que podem se inter-relacionar e até mesmo serem simultâneos, por exemplo, as leituras sensoriais, emocionais e racionais. A união desses três níveis pode provocar uma leitura reflexiva, dinâmica e contextual que infere na compreensão dos mais diversos textos. Pode alargar as possibilidades de compreensão de relação entre os tipos de linguagens e a diversidade de temáticas abordadas nos textos.

Nesse sentido, é possível entender que a leitura ancorada pela concepção interativa pode favorecer o desenvolvimento de estratégias para sanar os problemas referentes aprendizagem, pois ao considerar os níveis de leitura o professor poderá perceber que muitos dos problemas da aprendizagem se devem a falta de interação entre os fatores essenciais de uma leitura significativa. Se o aluno não consegue passar da

decodificação dos códigos linguísticos a leitura não ocorre, porque ao término da decodificação ele não terá entendido nada e nenhum conhecimento lhe será acrescido. Por isso, é preciso que o professor não se detenha exclusivamente ao conhecimento textual, não considere apenas os aspectos gramaticais, nem apenas o conhecimento linguístico ou de mundo, mas considere e estimule o acontecimento de todos os níveis, simultaneamente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) destacam a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem, entendendo-a como fator fundamental para compreensão de outras disciplinas, além da Língua Portuguesa. Diz exatamente o que temos defendido até aqui, que a leitura é o caminho para a aprendizagem. Não existe aprendizagem sem leitura. As competências linguísticas e a capacidade de compreensão sobre os mais variados gêneros textuais só pode ser alcançada com a leitura.

É na sala de aula, com a realização de práticas de leitura embasadas por estratégias sóciointerativas que o desenvolvimento do hábito da leitura passa a ser uma construção contínua, partindo da escola para vida do aluno, esse que se tornará cada vez mais um leitor competente e crítico, preparado para os mais diversos contextos de uso da língua.

Para os PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 15):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de formas a atender a essa necessidade

Para tanto, os PCN consideram como aspecto essencial para formação desses leitores competentes a organização estratégica da escola em volta de uma política de formação de leitores, de modo que envolva todas as disciplinas, todo professor, não somente o de Língua Portuguesa, pois a leitura é base de qualquer disciplina. Assim, deve-se, nas primeiras abordagens de leitura excluir um dos mais frequentes problemas com que é a ideia errônea de leitura apenas como decodificação dos códigos linguísticos, ou seja, leitura que não permite ao leitor atribuir sentido a ela.

O documento considera ainda que para tornar o processo de formação de leitores uma prática “viva” e de resultados, é necessária à elaboração de propostas didáticas

norteadas especificamente para esse fim, como a Leitura Diária; Leitura Colaborativa; Projetos de Leitura; Atividades Sequenciadas de Leitura; Atividades Permanentes de Leitura e Leitura feita pelo professor. Tais sugestões de propostas servem de referência para a formulação de outras propostas, como a nossa que virá no capítulo seguinte.

No fulcro das considerações tecidas como estratégias de leitura, o ato de ler pode se tornar aos poucos significativo. Lalojo (2010), tecendo considerações sobre o conceito significativo de leitura, apresentado por Geraldi (2003) afirma que:

A leitura é um processo de interlocução entre leitor e autor sob mediação do texto, defendendo a necessidade de se recuperar nos indivíduos o prazer pela atividade de leitura. A leitura “fruitiva”, centrada no gosto espontâneo pela atividade leitora, precisa ser alcançada no ambiente escolar, e a atuação docente aliada ao trabalho com textos literários é fundamental nesse processo.

Para o autor, é, sobretudo, na literatura que o encontro prazeroso da leitura pode acontecer, uma vez que ela é um dos instrumentos da leitura, isto porque, ao ser aliada ao seu processo, indica novos caminhos, porque é uma forma diferenciada de leitura. A literatura ensina artisticamente o aluno a pensar ao mesmo tempo em que se beneficia com o prazer artístico proporcionado pela leitura literária. A importância deste tipo de objeto no processo de valorização da leitura se deve a uma série de fatores dos quais, alguns deles, serão pontuados na seção a seguir.

3.2 A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE LEITURA LITERÁRIA

Muitos estudos já foram realizados visando pesquisar questões referentes à leitura literária no contexto da sala de aula. Aqui, procuraremos elencar ainda mais algumas indicações teóricas que, na validade de suas propostas, podem ser tratadas com eficácia na modalidade do Ensino Fundamental I, considerando a grande importância da literatura, enquanto ferramenta eficaz a favor do aprimoramento dos conhecimentos dos alunos em fases iniciais do ensino básico. Assim, partimos da ideia básica de Cândido (1995, p.242), de que a literatura é um bem essencial ao homem. A literatura envolve “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos

os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda chiste, até as formas mais complexas das grandes civilizações”.

Por ser um texto diverso em sentidos e de um grande poder interdisciplinar, o texto literário pode servir essencialmente ao aluno no desenvolvimento de sua capacidade crítica para lidar com a atividade contextual dos textos e seus mais variados alcances.

Nesse sentido, Góes (2010, p. 47) salienta:

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece.

Conforme Costa (2012) a partir dos textos literários pode surgir um gosto pela leitura, uma aproximação com outros tipos de leituras, muitas das quais são essenciais à formação do aluno. O texto literário é a base inicial para qualquer formação de leitores, e se essa base é iniciada na escola as chances de dar certo são maiores, pois “os textos literários adquirem no cenário educacional, uma função única, singular: aliam à informação o prazer do jogo, envolvem razão e emoções numa atividade integrativa, conquistando o leitor por inteiro e não apenas na sua esfera cognitiva”.Bordini (1985, p. 27-28).

Para tanto, acreditamos que para a efetivação do processo de leitura literária de forma eficientemente difusa, é fundamental a inserção de uma política democrática por parte da atuação do professor em relação, inicialmente, a apresentação da leitura como um objeto de estudo prazeroso, que emana prazer e satisfação aos que dele fazem uso. A leitura precisa deixar de ser apresentada como um sacrifício, um processo sistemático que só se remete ao texto pelo texto e nada mais.

Cunha (1998, p. 47) ao tratar essa questão, coloca: “[...] sabemos que a leitura é uma forma ativa de lazer. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer – aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria papel relevante neste aspecto.”

Acreditamos ser fundamental também o cuidado com a seleção dos textos literários a serem trabalhados em sala de aula, uma vez ser necessário levarem considerações

conhecimentos prévios do aluno e relacioná-los à leitura de outros fatores do seu desenvolvimento cotidiano, como o contexto social e cultural, por exemplo.

A seleção do material literário é de suma importância no processo de valorização da leitura, visto que se trata de um dos principais fatores que favorecem as condições de aprendizagem. O material ao ser selecionado pelo professor deve constituir um material significativamente potencializado. E isso significa que deve estar interligado ao conhecimento prévio do aluno. Para que o material seja considerado potencialmente significativo precisa estar congruente à perspectiva relacionável dos fatores da aprendizagem. Dessa forma, há uma necessidade natural de que este material exerça relação dialógica com qualquer estrutura cognitiva, isto é, que “dialogue” com os conhecimentos prévios já familiarizados cognitivamente na mente do aluno.

Trata-se, pois, de toda uma organização, planejamento convergente à finalidade maior do processo de leitura: o produto final do conhecimento causado por um processo de interação entre uma leitura prévia e a nova que se desvenda no ato de ler. O resultado dessa interação é o polimento, é o conhecimento mais elaborado, mais aperfeiçoado da leitura anterior em relação à nova. Reflete a soma, a multiplicação do conhecimento que não tem fim. Assim, enquanto mais se elabora um conhecimento, através desta dinâmica dialógica entre um significado preexistente e um novo conceito, mais conhecimento o aluno adquire e mais preparado ele se torna para desenvolver seu senso crítico, seus próprios argumentos sobre os assuntos dos quais esteja apto a discutir. Estará apto a diferenciar, elaborar novos conhecimentos, definir e compreendê-los, respectivamente.

De acordo com os estudos de Cosson (2006, p. 17) a literatura é uma experiência rica da qual abre caminhos para a visão de um ser em relação a outro. Isto é, o leitor que vislumbra a leitura de mundo do escritor vê com os olhos do outro, porque “a Literatura é mais que um saber reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade, isso se dá, porque a Literatura é plena de saberes sobre o homem e o mundo”.

Torna-se ainda mais necessária a literatura para a formação de crianças, porque atende ainda mais uma esfera diversa além do desempenho cognitivo através das emoções, do lúdico, da imaginação e das fantasias, fazendo com que a criança tenha mais abertura para compreender o mundo em sua volta, ou seja, percebe e entende a realidade, dando-lhe um significado.

Essa capacidade abrangente despertada pela leitura literária acontece porque o texto literário é plural, caracterizado pela inter-relação entre diversos códigos sejam eles temáticos, ideológicos, linguísticos, estilísticos etc. Portanto, o aluno precisa estar apto para abranger o intercâmbio promovido entre a literatura e outras áreas que se inter-relacionam no andamento da coordenação do texto. Sobre essa questão, Reuter (1986, p. 78), coloca: “[...] a leitura literária é um objeto largamente transdisciplinar, por isso qualquer discussão teórica sobre o ato de ler deve considerar a reflexão sob uma perspectiva mais ampla que envolva as diversas áreas atreladas à prática da leitura como fenômeno sociocultural”.

Dessa forma, a literatura, efetivada com base na leitura, admite muitas manifestações culturais, misturas entre gêneros, literatura e música, por exemplo. Do mesmo modo, promove uma abordagem adequada para revelação ampla de informações que se pode ter o aluno em forma de diálogo entre os atributos estéticos do texto e as motivações históricas, sociais, políticas, filosóficas e psicológicas que colaboraram para a composição da polissemia presente nos propriedades textuais. Contudo, a literatura ainda está, em ampla análise, sendo abordada no ensino fundamental, como objeto “decodificável”, tendo ainda como apoio de leitura apenas as abordagens superficiais do texto.

Nessa mesma perspectiva, os PCN indicam uma abordagem dos textos literários de forma polissêmica, proporcionando o alcance à pluralidade significativa, de modo que a leitura possa proporcionar ao leitor diversas experiências e sensações, do prazer emocional ao intelectual.

De forma mais específica os PCN (BRASIL, 1998, p.71), assinalam:

Para ampliar os modos de ler, o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor para a leitura mais extensiva, de modo que o aluno possa estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta o conjunto cultural; [...]; da leitura mais ingênua que trate do texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconhece o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura.

A ideia que se pretende colocar em exposição é que a literatura possa ser além de uma sugestão de leitura, um convite à liberdade de expressão, do pensar, do descobrir o

além das possibilidades de leituras, de modo que os alunos possam expressar suas opiniões, suas formas de leituras, suas interpretações, suas visões críticas, desse modo poder descobrir suas habilidades com o texto literário e diversificar as possibilidades do seu alcance.

Porém, como já foi dito, há muitos problemas penetrados na raiz do ensino, muitos dos quais tornam a literatura improdutiva presa a metodologias ultrapassadas. Geralmente o que se prioriza no ensino de literatura, especialmente no ensino fundamental “engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com a história da literatura” (COSSON, 2006, p. 21).

Ao pararmos para refletir neste problema da abordagem literária, entre outros relacionados ao ensino de literatura, não poderíamos deixar de destacar nesta seção o que percebemos a olho nu no fulcro de nossa formação acadêmica. Entre os muitos problemas que ferem e limitam o ensino de literatura nas fases iniciais do ensino nas escolas, a formação dos professores de Língua Portuguesa é onde se encontra o percalço primeiro, pois em nossa formação inicial não é oferecida uma incursão aprofundada sobre literatura infantil-juvenil – a literatura destinada a crianças e jovens. Podemos identificar níveis elevados de dificuldades para o formando que deseja debruçar-se sobre os estudos desta modalidade literária, como insuficientes bibliografias relativas à teoria; difícil acesso ao texto; raras experiências de base essenciais para um trabalho prático e eficaz com literatura para crianças e jovens.

Por ora, não convém, no entanto, procurarmos responder a essas problemáticas levantadas já a término das discussões, pois não é nosso objetivo no momento, face às inúmeras respostas que poderíamos dar sem uma fundamentação teórica precisa e real. Deixamo-las, então, como reflexão em aberto, pois o que pretendemos mesmo é dar a nossa contribuição concreta para tornar o ensino de literatura, de fato, um direito de todos e ao alcance de todos. Assim, podemos, de modo geral, pensar a prática docente e seus respectivos desígnios no ensino de literatura-infantil-juvenil, apresentado propostas didáticas possíveis à concretização do ensino de literatura, voltadas especialmente para os primeiros anos da formação escolar.

3.3 A POESIA NA SALA DE AULA: (DES) ENCONTROS E ESTRATÉGIAS

Anteriormente vimos que a leitura tem sido pouco explorada em sala de aula, mais ainda quando essa leitura diz respeito ao texto literário. Muitas questões foram colocadas e nos mostraram como anda deficiente boa parte das metodologias de Ensino de Língua Portuguesa, face às limitações com o uso dos textos. Se de modo geral já se é difícil o trabalho com literatura, imaginemos agora a dificuldade duplicada quando o gênero em questão é a poesia. Aqui destacamos: **a situação da poesia no contexto da sala de aula não é fácil.**

O fazer pedagógico tem privilegiado os textos literários em prosa, geralmente, narrativas curtas. Pouco ou nada da poesia tem sido considerado como objeto de atividade da leitura, de todos os gêneros provavelmente seja este o menos utilizado. A partir daqui tentaremos contextualizar a problemática da poesia em sala de aula, posteriormente faremos um recorte da sua importância e contribuição na formação de leitores críticos, até a discussão nos remeter à apresentação de uma proposta de atividade priorizando o uso desse gênero, assunto para o próximo capítulo.

Hélder Pinheiro (1995), em relato de vivência com a poesia em sala de aula, aponta alguns problemas encontrados nos primeiros anos do ensino básico que, vinte um ano depois da publicação do produto final desta sua vivência – o livro *Poesia na Sala de Aula* – esses problemas ainda são muito atuais no contexto em que estamos vivendo. Um dos principais apontamentos indica a deficiência da escola na seleção de livros paradidáticos pelas quais as obras de poesia quase não são listadas. E quando são raramente levadas à sala de aula, são explorados apenas com finalidade única e tradicional de destrinchar o texto pelo texto, ou seja, pautando-se exclusivamente no exercício exaustivo da interpretação textual e da assimilação dos elementos da superfície do texto.

Atualizando-nos, nesse sentido, o autor constata que o trabalho com a poesia permanece, majoritariamente, exercendo funções meramente ilustrativas para cartões de cunho comemorativo, para ser recitado em momentos culturais das escolas ou para servir de objeto no exercício de decodificação e análise dos problemas ortográficos. Atividades,

além disso, só ocorre quando há uma iniciativa individual do docente mais próximo e adepto do texto poético.

Esse mesmo estudioso levantou dados quantitativos em uma de suas pesquisas sobre poesia em sala de aula, constatando que houve algum avanço em relação à utilização do texto poético nos manuais de ensino, esses textos deixaram de ser meramente moralistas, patrióticos e pedagógicos. Mesmo assim, continua sendo pouco valorizado, pouco utilizado e conseqüentemente pouco aceitável para os alunos, fato que contabiliza ao romance uma aceitação equivalente a 80,6%, enquanto que a poesia tem apenas 17% de aceitação, segundo dados do autor levantados em 2005.

Nos relatos Hélder, a maioria dos professores de primeiro ao quinto ano assumem não ter competência para trabalhar a poesia com seus alunos, pois para eles esse se trata de um gênero difícil e subjetivo demais do qual impossibilita as respostas previstas. Há uma resistência sobre o que é desafiador, provocativo, insultador de diálogos e formação de ideias, pois esses professores estão acostumados a lidar com óbvio, informações precisas, textos corridos. Na poesia não há lugar para o breve. Todo texto poético é extensivo quando bem explorado.

Nesse sentido, Averbuck (1982) acentua que há uma resistência forte por parte da escola e dos professores em elaborar um roteiro de aproveitamento de leitura que objetive alcançar o desenvolvimento da sensibilidade do aluno, das emoções, em ambiente lúdico e diversificado, cujos instrumentos principais sejam as palavras. “A poesia não pode ser ensinada, mas vivida: o ensino da poesia é, assim, o de sua ‘descoberta’” (1982, p. 70).

Refletindo sobre as problemáticas apresentadas nos relatos de Hélder Pinheiro, cabe a nós indagar: se os professores não estão preparados para trabalhar o texto poético em sala de aula, essa deficiência fica a cargo de quem ou de quê? Será esta uma crise dos últimos tempos?

Assim como a leitura de modo geral tem passado por uma crise em sua exploração prática, a poesia também, questão tratada por Pinheiro (2003), em obra sobre a abordagem do poema. Considera que essa crise ocorre, sobretudo, porque a poesia não é vista com o devido valor que merece. O valor só será dado quando a escola passar a vê-la como um instrumento importante, um objeto de leitura dos mais ricos da história da humanidade, indispensável para a formação humana.

É, no entanto, paradoxal analisarmos motivações de tanta rejeição à poesia sabendo que ela é um dos gêneros de maior alcance na história da humanidade, seja nos aspectos linguísticos, estruturais, semânticos ou contextuais. É difícil entender o porquê de tantos problemas relacionados ao uso do texto poético em sala de aula, sabendo, ao mesmo tempo, que a origem da poesia nasce no ceio da linguagem, como vimos no primeiro capítulo. Então, como associar a importância de tamanha essência na formação histórica do homem ao desprezo com que é tratada hoje?

Arriscamos responder nossa própria indagação, associando essa dissonância às questões discutidas na seção sobre leitura, na qual foi dito que a priorização hoje é a leitura rápida, a informação pronta, objetiva e instantânea. A máquina capitalista não permite as pessoas pensarem, refletirem, porque ela tem urgência de resultados. A poesia, no entanto, não comporta em sua profundidade o imediatismo da percepção, assim, se porta como uma resistência a tudo isso, e, por essa razão, está cada vez mais relegada ao plano da insignificância. Para poesia basta *Tudo aquilo [...] que você não pode vender no mercado como, por exemplo, o coração verde dos pássaros, serve para poesia*”, como disse o poeta Manoel de Barros.

Fato, a poesia é resistente às tendências dos tempos, desde quando se originou no início do que conhecemos por mundo, não é atoa que, por mais inovadora que seja sempre o seu feito, a sua essência é única. Das muitas indivisibilidades compreendidas nessa essência, a mais controversa hoje é resistência à visão mercantilista. Não somos nós que estamos dizendo isto, é o tempo movido pela manifestação maciça da linguagem.

Dito isto, cabe-nos refletir sobre as vantagens que a poesia poderia trazer para o ensino de Língua Portuguesa, caso não fosse tão marginalizada e passasse a ser utilizada na sala de aula com a devida importância que possui, sobretudo nos primeiros anos do ensino básico, ocasião em que a criança está despertando seus valores, criticidade e poder de argumentação. Está descobrindo o mundo a sua volta, o que exige da escola um empenho ainda mais cuidadoso neste processo de desenvolvimento.

A criança é justamente aquele ser que mais precisa tomar consciência do objeto poético, uma vez que, segundo Cademartori (2010, p. 9), a poesia é um “gênero quase natural para a infância”, porque, metáforas e estruturas heterodoxas são mais receptíveis para as crianças do que podemos imaginar. Poemas são como brincadeiras com

palavras e sentidos. Essa naturalização pode ser percebida nas cantigas de ninar, cantigas populares que adornam a fase inicial da criança.

É na fase da infância que a criança tem mais flexibilidade para aprender, para entrar em contato com o lúdico e se aproximar mais das brincadeiras, dando a elas sentidos dos quais são relacionados à oralidade da língua. Nessas brincadeiras são desenvolvidas as faculdades da linguagem, através das cantigas de roda, das parlendas, trava-línguas e jogos que envolvem a musicalidade, a repetição, a adivinhação e o ritmo, conforme coloca Cunha (1998).

Para este autor existem três elementos essenciais na poesia: a palavra, o som e a imagem, comungando da mesma construção, uma verdadeira dinâmica constituidora da essência do texto poético, levando o aluno a perceber esses elementos além da obviedade superficial do texto, o que permite a exploração da criatividade da criança e o gosto pelo poético.

Sabendo disso, o ensino de literatura deveria priorizar o uso do texto poético, tomando como base as orientações curriculares e desenvolvendo estratégias de leitura que despertem essa capacidade natural da criança à afeição do material poético, levando-a a entender que esse material é uma produção que faz parte da sua vida, do seu cotidiano, da nossa representação e história no mundo, ou seja, apresentando à criança mundo da fantasia que lhe é próprio à infância e, sobretudo abrindo os espaços para que o convite à poesia aconteça de forma prazerosa e não como uma leitura impositiva, sem significados. Frantz (2011, p.122), assim comporta nossas considerações:

A poesia convida-nos a viver a fantasia a soltar a imaginação, a sentir a realidade de maneira especial, mágica, a ver e buscar sentidos em tudo que nos rodeia e a expressá-los de forma simbólica, lúdica, criativa, nova, prazerosa... poética. É quando o belo se sobrepõe ao útil.

Tornar, pois, este convite uma realidade para a criança é oportunizar a ela a descoberta da riqueza contida no seu imaginário infantil; é abrir as janelas da sala de aula para que ela possa fazer o que é próprio de sua natureza infante: olhar encantada para o mundo e dar a ele significado.

É por isso que a poesia, por desempenhar papel tão importante na construção de leitores, precisa ser levada a sério e aplicada, com prioridade, no ensino de Língua Portuguesa, no ensino de Literatura, sobretudo para aqueles cujo desenvolvimento só

está começando. Fica evidente, desse modo, que trabalhar poesia em sala de aula vale muito a pena, mas é preciso considerar muitos fatores na prática deste ensino, como a escolha estética das obras, a resistência as tendências tradicionais de abordagem da poesia da qual se baseia unicamente no “[...] didatismo emburrecedor e no moralismo que sobrepõe a qualidade estética determinados valores” Pinheiro (1995, p.15).

Pinheiro ainda acrescenta a necessidade de muita análise na hora de selecionar o material do texto poético, pois geralmente quando se aborda o poema nos livros didáticos do ensino fundamental I a tendência é privilegiar o jogo pelo jogo e esquecer o sentido que as palavras geram no ato da leitura. Se estamos falando em construir leitores críticos obviamente não dispensaremos em hipótese alguma o sentido do texto. Só assim o jogo sonoro do poema passa a ser significativo quando emprega sentido à letra, ocasionando harmonia poética entre texto, som e imagem. Temos exemplos brasileiros de poetas que por essa harmonia criativa criaram obras belíssimas, como Cecília Meireles em *Roda na rua*, Mário Quintana em *Lili inventa o mundo*, entre outros.

Fora dessa perspectiva, o trabalho com o texto poético pode se tornar cansativo para as crianças, como coloca Pinheiro (1995, p. 15-16):

No cotidiano da sala de aula, o jogo pelo jogo vai ficando enfadonho e o aluno demonstra desinteresse à medida que vai elastecendo sua experiência de vida e de leitura. Assonâncias, aliterações, ecos, paranomásias, paralelismos, são recursos sonoros/semânticos que povoam muitos poemas infantis. Estar atento ao uso dos recursos, pois a simples recorrência não garante a “literariedade”.

A seleção do material poético a ser utilizado nas aulas é de suma importância para que a função integral da poesia não seja descontextualizada por uma mera tentativa de trabalhar o texto pelo texto, assim como o jogo pelo jogo. A eficácia educativa da poesia está na sua dimensão contextual, nos mais variados alcances que pode chegar com a sua riqueza pluralística, sonora, estética e estrutural. Tal eficácia ocorre, porque segundo Hélder Pinheiro, existe uma “função social” motivadora da importância da poesia em sala de aula.

Para discutirmos a função social da poesia, embarcaremos nas discussões do poeta e crítico literário americano Elliot (1991) para o qual a poesia é fundamentalmente ligada à expressão do sentimento e da emoção. Tanto a emoção como a expressão são particularizadas no universo poético, mas há uma comunicação compartilhada entre o

poeta e o leitor que proporciona sempre uma nova experiência, como descreve Elliot (p. 29):

Para além de qualquer intenção específica que a poesia possa ter [...], há sempre comunicação de uma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar ou expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade.

Essa experiência nova de que fala o autor não poderia ser proporcionada por nenhuma outra forma de arte, pois a poesia difere-se em alto grau “por ter um valor para o povo da mesma raça e língua do poeta, que não pode ter para nenhum outro (p. 30)”. Nesse sentido, torna-se mais fácil sentir a língua do que pensa-la. E a poesia tem potencialmente essa abertura para o que é naturalizado na expressão da língua compartilhada por toda uma comunidade.

Assim, a função social da poesia está além das formas poéticas esquematizadas, visto o vislumbrada profundidade das expressões que corresponde a realidade de uma sociedade, cultura, de um tempo, porém, as formas de expressões que decorrem neste tempo não são estanques, como muito pensamos quando nos remetemos as escolas literárias e seus respectivos períodos. A poesia transcende por estar expressa na capacidade natural das pessoas de sentir a sua própria língua, através do prazer peculiar provocado por ela.

No fulcro da criação poética o poeta desempenha o papel social de ensinar ao apreciador a conhecer, reconhecer e tornar conscientes sentimentos e emoções que lhes são comuns. Para Eliot (p. 30)

Ao expressar o que outros sentem, também ele está modificando seu sentimento ao torna-lo mais consciente: ele está tornando as pessoas mais conscientes daquilo que já sentem e, por conseguinte, ensinando-lhes algo sobre si próprias.

A consciência, o explorar da sensibilidade fortalece o conhecimento de si e dos outros em respectivas mudanças de percepção originadas do efeito poético, implicando na descoberta de novas variantes da sensibilidade das quais os outros podem se apropriar, de modo que ao expressá-las a língua vai se tornando ainda mais rica.

Assim, o poeta, enquanto artista, tem a função de nos levar às fantasias libertadoras da realidade que condiciona nossa consciência, e quando entramos no estado de fantasia podemos retornar ao mundo real com vontade de transformar a fantasia em realidade. Por isso, cabe aqui dizermos que entre todas as criaturas do mundo aptas para nos fazer sentir, pensar e transformar, simultaneamente, somente o poeta tem em si a natureza transcendental para combater às ideologias dominantes que ferem a vida e a liberdade do Homem, usando como instrumento de defesa uma única arma, a palavra que dá à poesia aquilo que é próprio dela: a liberdade. A palavra domina o mundo e o mundo é modificado a partir do momento em que o leitor transfere as sugestões poéticas para a sua forma de refletir e de viver no mundo.

Em suma, o autor deixa claro mais uma dimensão do valor poético, o que nos faz concluir que este valor não está associado somente ao plano do maravilhoso, uma vez que a poesia toma forma ativa a partir do papel prático que exerce na sociedade sendo para ela de extrema importância, pois como vimos, nela há expressões vivas de sentimento; há formação de identidade, há, sobretudo, a língua, novas experiências e valores, o que caracteriza, dessa forma, diferencia e diversifica um povo.

Diante das afirmações acuradas nesta seção, inicialmente sobre as problemáticas relativas à poesia na sala de aula, em seguida, sobre a sua importância e o seu papel social, o que nos resta pensar a não ser o quanto escolas e professores estão perdendo ao não priorizá-la nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura? Fato é que há muito que se pensar quando nos propomos a refletir sobre a poesia na sua dimensão e possibilidades, porque suas funções são muitas, respectivamente seus efeitos positivos também.

Por isso, eis a importância de se trabalhar a poesia em sala de aula, é um direito do aluno, da criança significar e ressignificar a leitura literária, amadurecendo a forma de ver o mundo ao seu redor e transformá-la a partir de das práticas coletivas e individuais. Para tanto, é necessário refletirmos sobre as condições indispensáveis para o trabalho com poesia na sala de aula, pois não é uma tarefa simples, de modo a ser indispensável repensar dos conceitos e metodologias abordadas, questão que veremos na seção seguinte.

3.4 CONDIÇÕES INDISPENSÁVEIS PARA O TRABALHO COM A POESIA

Temos visto até aqui quão significativa é a poesia, mas ao mesmo tempo como é singular o seu projeto para a sala de aula, o que exige do professor e da escola um planejamento ainda maior do que o trabalho com outros gêneros literários exigem, principalmente quando se trata da prática de ensino do nível fundamental. Agora, recorreremos mais uma vez aos relatos de Hélder Pinheiro (1995), considerando suas sugestões como base teórica para a nossa proposta de atividade no próximo capítulo. O referido autor faz três pontuações elementares para a prática do professor de Língua Portuguesa interessado no uso da poesia enquanto material didático: Atitude, cuidados e condições. Sem esses três elementos não há possibilidade do trabalho alcançar sucesso. Em cima deles o autor indica duas condições indispensáveis para a prática.

A primeira condição diz respeito as afinidades do professor com o texto poético, pois é indispensável que, antecipadamente, haja uma análise do material a ser utilizado. Não, necessariamente, o professor precisa ser um profundo conhecedor das obras poéticas e seus respectivos autores, mas que ele tenha noções básicas de poesia, leituras elementares e sensibilização, principalmente, bom gosto e afinidade, pelo menos, com autores mais clássicos da literatura brasileira. Sem o mínimo de entusiasmos, dificilmente os alunos serão sensibilizados para a riqueza semântica da poesia.

Essa preocupação se deve ao fato de que quando o professor não tem o mínimo possível de aproximação com a poesia e decide, mesmo assim, trabalhá-la com seus alunos, tende a correr o risco de fazer este trabalho equivocadamente, ainda que sua intenção seja as melhores. Não há como propor a atividade com um gênero tão distante da realidade das salas de aulas sem fazer antes e constantemente um minucioso planejamento atentando para os cuidados com a escolha do material poético e as condições reais existentes para a concretização das atividades.

A segunda condição “[...] é que haja sempre uma pesquisa sobre os interesses de nossos alunos” Pinheiro (1995, p. 22). A sintonia do professor com o aluno é essencial nesse processo. De início sugere-se atenção ao universo de interesses que formam as características do aluno, pois é a partir disso que o professor poderá fazer a seleção dos poemas de forma adequada, colocando em primeiro lugar o gosto do aluno. Mas também

é importante que o novo seja apresentado. O novo aguça ainda mais o interesse do aluno, a discussão, a apreensão de imagens, ritmos, etc...

Dessa forma, o texto poético pode transcender o contexto da sala de aula e alcançar o cotidiano pessoal do aluno, de modo que a apreciação passa a ser, aos poucos, naturalizada no ato de ler. Trata-se, pois, de um envolvimento com as leituras, “[...] trata-se de uma experiência íntima que muitas vezes captamos pelo brilho do olhar de nosso aluno na hora de uma leitura, pelo sorriso, pela conversa de corredor”. (Ibid. p. 23).

Para tanto o ambiente no qual as atividades serão realizadas, precisa ser adaptado ao contexto proposto para que, assim, o que era, até então distante, se torne mais próximo dos alunos. No entanto, sabemos das limitações pedagógicas e físicas da maioria das instituições de ensino em relação a projetos inovadores, como este. É nesse sentido que buscar a contribuição da escola é extremamente necessário, faz parte de uma terceira condição indispensável apresentada pelo autor. As condições de acesso à Biblioteca, livros, espaço, recursos. Tudo o que for necessário para a concretização do trabalho significativo com a poesia.

É preciso também criar condições continuamente, não se limitar aos estraves burocráticos próprios da nossa educação e começar o trabalho de forma regular, desde as séries iniciais para que seja possível criar perspectivas de evolução da leitura, trabalhando a poesia desde cedo, regulamente, pois “a prática regular é a precondição para a formação do hábito”. Bamberger (1996 *apud* Pinheiro, 1995, p. 27).

Hélder Pinheiro vai além apresentando sugestões e experiências de sua docência no Ensino Fundamental, tópico no qual o autor se dedica a explicar estratégias interdisciplinares para o ensino de poesia. No geral, faz uma abordagem sobre as possibilidades e impasses difusos na realização da prática de leitura. Sugere, assim, alguns exercícios pensados especificamente para o professor de Língua Portuguesa disposto a trabalhar com as riquezas da poesia, como: *A realização oral do poema; Organização de antologias; Pequenas montagens; Poesia e jogo dramático; Música e poesia; Literatura de cordel; Núcleos temáticos; Muros pixados, varal, painéis e Livro na sala de aula.*

Todos os tópicos sugeridos são de grande relevância, no entanto interessa-nos aqui as sugestões referentes à Música e Poesia, sendo este, posteriormente, o objeto de

atividade da nossa proposta de atividade. Na seção “Alcances da poesia: poesia, letra e música” (*vide* capítulo I), vimos a relação natural que existe entre poesia e música, embora haja uma complexidade, também natural, analógica nessa relação. Não iremos problematizar questões conceituais entre ambos os gêneros, iremos apenas considerá-los unificáveis para uma atividade prática em sala de aula.

Há, primeiramente, de se considerar o entrave existente quando os alunos, em geral, se recusam a ler poesia por achar esse um gênero de muita complexidade ou mesmo que não desperta interesse, gosto, prazer, mas adoram escutar músicas, muitas das quais foram musicadas de poemas ou simplesmente em suas letras há uma forte tonalidade ritma e semântica derivada do fazer poético. O poema clássico “Amor é fogo que arde sem se ver”, do poeta português Luís Vaz de Camões, por exemplo, foi musicado pelo cantor Renato Russo, transformando-se em música cujo nome foi intitulado de “Monte Castelo”. Além dela outras versões interpretadas e instrumentalizadas foram cunhadas em torno do poema lusitano, ficando claro, assim, a riqueza que há nos alcances da poesia.

Talvez, esse paradoxo exista porque os alunos não conhecem a aproximação histórica existente entre música e poesia, talvez porque, além disso, não são levados à conhecer a relação da poesia com o nosso cotidiano. E, por isso, resistem ao texto poético. Mas, se o professor procura mostrar aos seus alunos, essa relação da poesia com a música, de forma dinâmica, descomplicada e contextualizada certamente os resultados serão positivos, o apreço desabrochará e as leituras tenderão a se ampliar com o passar do tempo.

Nessa perspectiva, Helder Pinheiro nos sugere um trabalho investigativo, no sentido explorar temas cotidianos, populares dos quais sejam de interesse dos alunos, como por exemplo, o tema do amor, recorrente tanto nos poemas como nas músicas. O autor entende que quando há uma abertura para o cotidiano o interesse aumenta, ao passo que as discussões se tornam agradáveis, tal qual uma conversa natural entre amigos. É preciso, pois, desmistificar a noção arcaica de poesia como um texto meramente cerimonial, rebuscado e complexo. A poesia precisa ser levada aos alunos como um instrumento popular da linguagem humana, como uma expressão dos sentimentos, das ideias, das coisas, dos tempos... Como parte da nossa vida. Está na

sonoridade da música, na imagem, na língua e, sobretudo, em nossas expressões diárias. É preciso ensinar aos nossos alunos a reconhecer a poesia.

Nesse processo, Pinheiro sugere que o professor siga algumas etapas de atividades, levando em consideração o conhecimento de mundo do aluno para selecionar temas, músicas e letras de músicas, poemas musicados, por exemplo. É importante também ressaltar a relevância do texto oralizado, entendendo ser esta uma prática bastante rica que aproxima ainda mais a poesia da música, haja vista as relações sonoras entre ambas. Do mesmo modo, a leitura individual também estimula o aluno a pensar sobre as condições semânticas que relacionam a poesia e a letra de música.

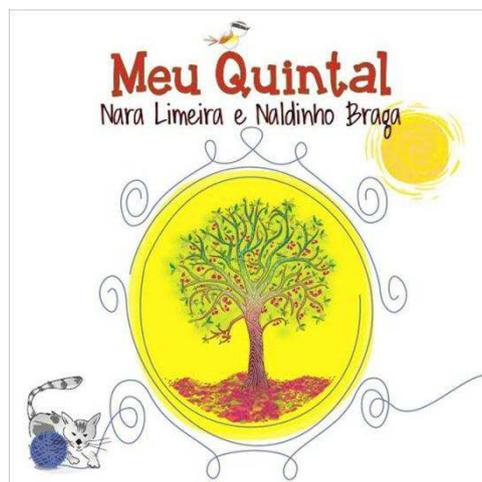
Nas séries iniciais, principalmente, o material é bastante vasto, pode-se fazer uso, por exemplo, de músicas populares, pois elas costumam falar das vivências cotidianas dos alunos, das brincadeiras, do lúdico que contorna a criança. Pode-se também recorrer aos poemas musicados, pois há um grande acervo disponível e, dessa forma, “a música pode se converter em recursos para apreciação da literatura” Bordini (1986, *apud* Pinheiro 1995, p. 52).

No mais, fica claro para nós a importância, bem como as possibilidades de se trabalhar a poesia na sala de aula, através de metodologias interdisciplinares, contextualizadas e baseadas na vida prática do aluno. Assim, é possível realizar aulas mais prazerosas e experiências significativas sem muitos custos, complexidades e receios. É só uma questão de dar a poesia o que é próprio dela: a liberdade para sê-la.

4 ENTRE POESIA E MÚSICA: APPLICABILIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DO CD *MEU QUINTAL*

Para a realização da nossa proposta de atividade tomamos como base o material teórico de relatos do estudioso Hélder Pinheiro (1995), mais precisamente a sua obra *Poesia na sala de aula*. Consideramos também as indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre o Ensino de Leitura e Literatura em sala de aula. Escolhemos como objeto desta proposta a poesia e a música, levando em consideração aspectos históricos e conceituais que dão fundamento a união de ambos os gêneros artísticos. Privilegiamos nesta escolha a temática cotidiana e a linguagem acessível, já que a nossa proposta se destinada a alunos das séries iniciais, mais precisamente do 5º ano do Ensino Fundamental. Em razão destes critérios encontramos no material de áudio uma alternativa promissora diante do que pretendemos, foi assim que escolhemos trabalhar com o CD de música popular *Meu Quintal*, dos artistas paraibanos Nara Limeira e Naldinho Braga.

4.1 *MEU QUINTAL*: INFÂNCIA, POESIA E ESCOLA



Meu Quintal é um projeto musical e literário autoral de Nara Limeira e Naldinho Braga, dois professores e artistas paraibanos cujo trabalho musical tem se destacado pela

qualidade e originalidade no trato artístico com os temas e com a linguagem popular, regional. Uma produção feita especialmente para o público infanto-juvenil, o que não impede de ser, também, para o público adulto. Conta com 13 faixas:

- 1 – Tartarugas
- 2 – Quem não tem cão caça com gato
- 3 – Formigas
- 4 – A menina de noite
- 5 – Lá vem o elefante
- 6 – Sapicidades
- 7 – Pro lado de cá
- 8 – Lugar de passarinho
- 9 – O jardim de Joshua
- 10 – A história da pedra maliciosa
- 11 – O morcego atrapalhado
- 12 – Desejo de pernilongo
- 13 – Maina

Todas elas receberam em suas composições as contribuições de outros artistas paraibanos, como Eleonora Falcone, Renato Oliveira, Moisés Lima, Gustavo Limeira, Gláucia Lima, Ana Valentim, Ivo Limeira, Pedro Luís, Ana Catarina, Fernando Pintassilgo, entre outro.

De acordo com matéria publicada no Correio das Artes, do jornal A União, de 6 de junho de 2015, a parceria de Nara e Naldinho surgiu de forma despretensiosa. Nara tinha alguns escritos, poemas, pedaços de pensamentos, rabiscos dos quais não pensava em publicar. Naldinho ao ter acesso a este material lançou sobre ele uma perspectiva de arte musical e literária, se interessou e juntamente com Nara desenvolveu o projeto do disco. O resultado dessa parceria é o CD de música Meu Quintal, tendo em sua essência memórias afetivas do quintal de casa, ou seja, do cotidiano comum da criança. Traz em sua composição as misturas das cantigas de ninar com sons regionais e batidas indígenas. A ideia do projeto é basicamente trabalhar o lúdico com a raiz regional somando a literatura, despertando a nossa sensibilidade e emoções.

Na totalidade do projeto encontramos um conteúdo verdadeiramente afetivo, voltado especialmente para o mundo infantil, o mundo da nossa própria casa, as memórias, os ditos populares comuns de que tanto falamos rotineiramente. Sons de violão, bichos, zumbadas e a leitura de poesias com fundo musical, tudo isso reunido

formando a poética do CD, para tornar fantasia a representação real do quintal de nossa casa. São músicas inspiradas em histórias de livros, momentos vividos, sonhadas e imaginadas.

De acordo com os próprios idealizadores do projeto, a criação do CD *Meu Quintal* teve forte influência de discos já consagrados, como *Arca de Noé*, de autoria de Vinicius de Moraes; *O jardim dos animais*, de Paulo Ró e Ronald Claver e *Carroça de mamulengos*. E também das músicas da infância e as histórias que os próprios autores escutavam quando eram crianças; também a literatura infantil contemporânea produzida na Paraíba. Algumas canções recebem forte influência de contos, como *Salomão, o elefante*, de Marília Arnaud; *A história da pedra maliciosa*, de Zilma Ferreira Pinto e *A menina De Noite*, de Ronaldo Monte.

Essas foram informações mais gerais sobre o CD, agora iremos, de forma breve, apresentar algumas características percebidas. De imediato nos deparamos com a sonoridade que, diga-se de passagem, é bastante agradável de ouvir, tanto para crianças quanto para adultos. Encontramos uma batucada bastante regional e uma temática bastante familiar das quais nos reportam à infância, um saudosismo para quem é adulto e uma descoberta para quem é criança. Por exemplo, em *Quem não tem cão caça com gato*:

*Quem não tem cão
caça com gato
Já dizia o ditado
do tempo do meu avó
Eu não tenho cão
Eu só tenho gato.*

Na própria letra está impressa a ideia de passado ao se referir a um ditado popular muito antigo entre nós “Quem não tem cão caça com gato”, dito pelos mais velhos, mas que se renova constantemente dentro do dinamismo da linguagem e da criatividade da arte.

Uma característica bastante relevante da qual não poderá deixar de ser citada é o regionalismo. Na música *Sapicidades* – um neologismo derivado da mistura de cidade com sapo – aparece o nome da capital da Paraíba. João Pessoa e algumas outras cidades, como Sapé e Patos.

*Será, será que o sapo lava o pé...
lá em Sapé
Dizem que em João Pessoa
o sapo se banha na lagoa
E pras bandas do Riachão
desce o riacho numa boa.*

As rimas, elemento bastante utilizado nas músicas do CD, favorecem, além da criação de sentidos, o efeito da linguagem. Quase de maneira unânime está presente em todas as letras, letras que a partir de agora ficarão consagradas como poesia.

Assim, com mestria faz-se o diálogo entre poesia e música; entre histórias antigas e inovações, adaptações, cantigas de ninar, contos e linguagens dentro do que forma a ludicidade do cotidiano infantil. Poesia simples e precisa cheia de efeitos sonoros que favorece a criação de imagens e sentidos, bem como a harmonia entre letra e som, ritmos e imagens, batidas e fantasias. Em totalidade, nas músicas, sejam lidas ou cantadas, há ritmarão de sentidos, para além da estruturação, há, por tanto, poesia. Meu Quintal busca assim, tratar, polir, lapidar o tema do cotidiano da criança, característica fundamentada pela poesia infanto-juvenil contemporânea e, assim, preza, como tal, pela atitude diferenciada em relação à linguagem, ao recorte da realidade em que há um distanciamento da representação do real.

4.2 UMA PROPOSTA DE APLICABILIDADE DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DE *MEU QUINTAL*

Proposta: Atividade prática em sala de aula unindo poesia e música
Objeto da Proposta: CD de música “Meu Quintal” (material de áudio e letra impressa)
Objetivo: Proporcionar ao aluno o contato com a poesia e a dimensão das possibilidades de leitura que ela oferece.
Conteúdos: Conceitos de poesia e música; Relação histórica entre poesia e música.
Público Alvo: Alunos do 5 ^a ano do Ensino Fundamental
Tempo Previsto: 8 aulas
Material Necessário: Data Show, CD, Caixas de Som, Papel e Impressora.

- **Contextualização do gênero poesia**

Na aula proposta, o primeiro contato do professor com os alunos deverá ser para apresentá-los ao tema da aula. Indica-se fazer uma explanação introdutória acerca dos objetivos pretendidos e o que será realizado para alcançá-los, preparando o aluno para a proposta que se cunha. Em seguida, fazer uma apresentação do tema da aula: poesia. Nesta apresentação alguns pontos necessitarão ser esquematizados e seguidos sequencialmente, para que o aluno possa acompanhar todo o processo minuciosamente, evitando-se, assim, perde-se no explicar das informações teóricas que serão base para a atividade prática. Algumas indagações devem ser estimuladas, como: O que é poesia? Quem já leu poesia? Para que ler poesia? Diante destas indagações o professor deverá deixar fluir a participação coletiva dos alunos, ainda que eles tenham pouco ou nenhuma noção do que seja poesia. É preciso abrir esse espaço para que o professor analise o nível de reflexão dos alunos acerca do tema, atentando para as possibilidades de ir além às discussões.

- **Apresentação do CD *Meu Quintal***

Nesse segundo momento o CD *Meu Quintal* deverá ser apresentado como objeto de atividade. Os alunos irão receber cópias das letras de três músicas deste CD, para acompanhar visualmente a leitura auditiva que se fará das canções. Em virtude do tempo, o professor necessitará antes selecionar, das treze faixas, apenas três músicas, número necessário para uma primeira atividade. Deve-se considerar nesta escolha, os interesses, gostos e afinidades da turma em relação aos temas das músicas que irão escutar/ler. Assim, no dia da aula essa etapa de planejamento já deverá estar cumprida, restando apenas ser executada. Com o som ligado, o CD tocando e os papéis nas mãos, os alunos terão a oportunidade de acompanhar as canções lendo individualmente as letras, podendo, assim, perceber inicialmente, a relação ritma entre música e letra.

- **Leitura Oral**

Após terem escutado e acompanhado as músicas impressas, os alunos serão convidados a fazer uma leitura oral coletiva das letras, instruídos pela voz do professor que dará partida, tom e limites à leitura. A ideia é tentar exercitar a leitura do texto poético, esta que necessita de certas expressões sonoras para ocorrer em harmonia e completude. Logo depois, o professor fará uma leitura só para a sala, de modo a entonar as peculiaridades sonoras do texto/música.

- **Discussão**

Após escutarem e lerem as três primeiras músicas selecionadas, os alunos serão convidados a discutir as primeiras impressões tidas com a experiência. É interessante iniciar perguntando o que eles acharam das músicas, se foi prazeroso escutá-las e lê-las, ao mesmo tempo; o que acharam dos temas tratados; o que de comum já conheciam e o que de novo perceberam. É necessário nesse momento que o professor explore as discussões, indagando, questionando e abrindo caminhos para que os alunos percebam a relação natural existente entre música e poesia.

É importante também, nessa ocasião, mostrar exemplos de poemas de autores já bastante conhecidos, como Cecília Meireles, Mario Quintana, que foram musicados por grandes interpretes. Na sequência, fazer alusão à música popular brasileira e a sua relação estrutural e conceitual com as músicas escutadas. Só depois de um proveitoso debate é que o professor irá fazer suas considerações gerais sobre o que há de comum entre ambos os gêneros, se reportando, nesse momento, para as questões conceituais introduzidas no início da aula, levando, dessa forma, o aluno a entender que a poesia está muito próxima de nós, está na canção que escutamos; nos temas que vivenciamos; na vida que levamos e na imaginação que cultivamos. Está na essência das coisas que sentimos e pensamos, respectivamente.

- **Trabalho em Grupo**

Ao término das discussões os alunos deverão se dividir em pequenos grupos, a depender do número de alunos uma estimativa de 3 ou 4 membros para cada grupo. Após a divisão o professor deverá disponibilizar o link do site eletrônico YouTube no qual está disponível o canal da Intérprete do disco, Nara Limeira, com todas as faixas das músicas disponíveis para baixar e/ou só escutar. Para os alunos que não possuem computador, internet ou aparelho de som, a escola deverá disponibilizar os aparelhos e demais materiais necessários.

Os grupos ficarão com a missão de escutar todas as músicas e escolher dentre as treze faixas, uma que represente para eles vivências em comum no quintal de suas casas, que represente um fato, um acontecimento ou um sonho, imaginação. Com isso, estarão sendo levados a fazer uma relação da fantasia com o real ou da fantasia com outra fantasia. O que deve ser priorizado nessa atividade é a função social que a poesia tem de indagar, encantar, transformar, despertar, sensibilizar e emocionar, através de suas peculiaridades, as vivências pessoais inerentes à infância de toda criança, dando-a identidade e tornando-a consciente de si para transformar o mundo.

- **Culminância do Trabalho**

Ao término das inferências com a poesia e música, os alunos serão levados à sala de aula para apresentar o resultado do trabalho em grupo. Todos cantaram as músicas escolhidas, juntos. Posteriormente o professor fará suas considerações finais apontados novas perspectivas para a realização de outras etapas utilizando a poesia como instrumento de leitura interativa e potencializada para a formação crítica e social do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de trabalhar com um objeto de estudo cheio de peculiaridades próprias da língua e da cultura, respondeu muitas de nossas indagações sobre a abordagem da Leitura no Ensino de Língua Portuguesa, especialmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Entre as muitas questões abordadas no decorrer desta pesquisa, alcançamos uma compreensão elementar sobre os problemas que nos dispusemos a discutir, relativos aos entraves com o uso da poesia enquanto instrumento de leitura em sala de aula. Constatamos, assim, a nossa hipótese incurso no título de nossa pesquisa, ao afirmar a importância e o papel dimensional da poesia para a formação de leitores críticos.

Para chegarmos a esta confirmação fizemos um aparato teórico, analisando e discutindo perspectivas históricas e conceituais pertinentes à temática da poesia em sala de aula, de modo a perpassar sobre os principais pontos dos quais nortearam as nossas considerações, tais como: a origem, conceitos e alcances da poesia. Dessa forma, vimos inicialmente, as motivações históricas e culturais que integrou a poesia ao seio da linguagem, dando-a uma representação dimensional sob diversas manifestações, a exemplo da música.

Posteriormente, fizemos um levantamento das dificuldades mais comuns encontradas no contexto da sala de aula em relação ao processo de formação de leitores. Para tanto, foi necessário fazer uma relação entre ensino, leitura, literatura e poesia, na tentativa de entender o porquê de o texto poético ser relevado a um plano tão marginalizado nas atividades de leitura, mesmo exercendo um papel fundamental na aquisição da linguagem e na construção da sociedade. Constatamos que a crise da leitura é um dos opositores da poesia. O que se preza hoje é a leitura rápida, a informação pronta, objetiva e instantânea. A máquina capitalista não permite as pessoas pensarem, refletirem, porque ela tem urgência de resultados. A poesia, no entanto, não comporta em sua profundidade o imediatismo da percepção, assim, se porta como uma resistência a tudo isso, e, por essa razão, está cada vez mais relevada ao plano da insignificância.

Embora seja assim, vimos que muitos estudiosos se dispõem a estudar as melhores possibilidades de tornar a poesia um gênero mais utilizado e acessível à sala de aula, de modo a considerar, sobremaneira, o papel social que a poesia desempenha na

formação de leitores críticos. Entre os muitos fundamentos analisados, nos pontuamos mais extensivamente nos relatos e indicações do estudioso Hélder Pinheiro (1995), o qual considera as atitudes, os cuidados e as condições, elementos indispensáveis para a prática eficaz da poesia em sala de aula.

Tais indicações foram base fundamental para a elaboração de uma proposta de atividade com a poesia em sala de aula, por meio da qual pudemos trabalhar em comunhão com a música na busca pela competência crítica da leitura, considerando a relação histórica entre ambos os gêneros artísticos como uma explicação para mostrar aos alunos o quanto a poesia está próxima de nós, não sendo, dessa forma, dissociável de nossas práticas, sentimentos e transformações contínuas.

Consolidamos, dessa forma, o objetivo de nossa pesquisa, tendo comprovado as eficácias na prática de leitura em sala de aula, alcançadas pelo papel dimensional da poesia, ficando, assim, mais do que comprovada a abertura do texto poético para além das estruturas superficiais de uma leitura, uma vez que, como nenhum outro gênero, a poesia alcança muitas manifestações culturais, entre elas, a música que, por sua afinidade com a poesia, aproxima ludicamente, dela, o aluno. Nesse sentido, a leitura deve ser praticada numa perspectiva de tornar amplas as possibilidades da linguagem, do pensamento, da reflexão e do poder de transformação que a prática sensibilizadora entre poesia e música oportuna ao aluno enquanto agente ativo desta transformação em si e no meio em que vive.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Eudoro de Sousa. 5 ed. [S.l]: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1996
- AVERBUCK, Lígia Morrone. **A poesia e a escola**. In: ZILBERMAN, Regina (Org.) et al. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982
- BAKHTIN, Mikhail. “Problemática e definição”. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1985.
- CANDIDO, Antonio. **O Estudo Analítico do Poema**. FFLCH-USP, São Paulo, 1987.
- _____. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária, 11 ed. Rio de Janeiro> outro Sobre o Azul, 2010
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: Teor i a e prática. 5. ed . São Paulo: Ática, 1998.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- ELLIOT, T. S. **De Poesia e de Poetas**. (Tradução e prólogo: Ivan Junqueira). São Paulo: Brasiliense, 1991
- FRANTZ, M. H. Z. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. .
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GERALDI, João Wanderley. **Unidades básicas do ensino do português**. 3 ed. São Paulo, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. In: HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Tradução por Marco Antonio. Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos).
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2010. LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1999

- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. – Brasília : A Secretaria, 1998.
- PAZ, Octavio, apud ÁVILA, Carlos. **Poesia pensada**. Rio de Janeiro: 7letras, 2004, p. 20.
- PIGNATARI, Décio. **O que é Comunicação Poética**. Tradução de IzidoroBlikstein e José Paulo Paes, 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- YASUDA, Ana Maria Bonato Garcez. **A leitura na escola (II)**. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Questões de linguagem*. 5. ed. São Paulo: contexto, 1996.
- Pinheiro, Hélder. **Poesia na sala de aula**. João Pessoa: ideia, 1995.
- _____. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- PERRONE, Charles A. **Letras e letras da MPB**. Rio de Janeiro: ELO, 2008.
- RIBEIRO NETO, Amador (org). **Linguagem da poesia**; João Pessoa: Editora da UFBP, 2011 (Coleção Todas as Letras; 4)
- RODRIGUES, Antônio Medina. **De música popular e poesia**. In: Revista USP, São Paulo, dezembro/ janeiro/ fevereiro, 1989/90. n. 4.
- _____. **Entre a voz e a letra**: O mito. In: Revista Livro Aberto, São Paulo, março/abril, 1998. n.7.
- TATARKIEWICZ, Władysław **The Concept of Poetry**. *Dialectics and Humanism*, vol. II, nº 2 (primavera de 1975).
- SOBRE A ORIGEM DA POESIA. Arnaldo Antunes. Incluído no libreto do espetáculo “12 Poemas para dançarmos”, dirigido por Gisela Moreau, São Paulo. Acesso em: http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_textos_list.php?page=1&id=27 20/05/2016